

Júlio Hermann

*Tudo que acontece
aqui dentro*

*Amar é afogar-se com os próprios
sentimentos e continuar respirando.*

“Escrever é enfiar um
dedo na garganta.”

PODE ATÉ SER BONITO

Uma vez, num voo longo de um país a outro, enquanto lidava com o fim de um amor, li num dos meus livros preferidos o seguinte trecho:

Escrever é enfiar um dedo na garganta.

Depois, claro, você peneira essa gosma, amolda-a, transforma. Pode sair até uma flor.

Caio Fernando Abreu sabia bem o que fazer quando a dor se tornava insuportável a ponto de se fazer necessário o expurgo, contando para uma folha de papel tudo aquilo que sua alma sentia. Ele também fazia isso com a alegria extrema. Com a angústia. Com o desespero. Com o reflexo humano e suas muitas emoções que aparecem ao passar do dia.

Nesse mesmo voo, rabisquei num papel uma lista de coisas que faziam sentido no momento. Coisas a fazer, a esquecer, a lembrar pra sempre. Eu tinha que dar comida pros peixes dele. Tinha que avisar à

mamãe que eu estava bem, mesmo com o sumiço repentino. Tinha que ir ao mercado e fazer as compras do mês, porque a vida continua. Tinha que separar umas roupas e deixar na portaria. Tinha que pedir as receitas do antialérgico manipulado que ficavam na escrivania dele. Tinha que processar isso tudo, mas pra isso eu precisaria mexer em tudo aqui dentro. Só que este não é um processo simples.

Além de tudo aquilo que já sabemos sobre as jornadas ao centro de nós mesmos, existem os impasses que nos impedem de chegar até lá. Vez ou outra, dizemos que não há nada a ser visitado. Tudo calmo, silencioso, quieto. Até que uma folha errada caia fora da árvore para fazer com que nos encontremos no meio de um tsunami emocional sem entender o que foi que originou aquilo tudo. E, se me permite dizer, geralmente foi o silêncio. O medo de dizer o que existe dentro. Ou então a falta de consciência em analisar a parte interior. Noutras vezes, o que nos impede de prosseguir com essa viagem é a clareza que temos sobre ela: é frio, feio, escuro, frágil. E nos ensinaram a vida inteira que era ruim ser frágil. Portanto, que valor teria admitir que, no fundo, nós não somos um amontoado de palavras e sentimentos bonitos o tempo inteiro? Existe a raiva, a amargura, os ciúmes, a falta, as saudades no meio de tanta coisa boa. E o próprio amor nos torna vulneráveis, abertos ao mundo e a alguém que tem o poder de chegar até o nosso centro.

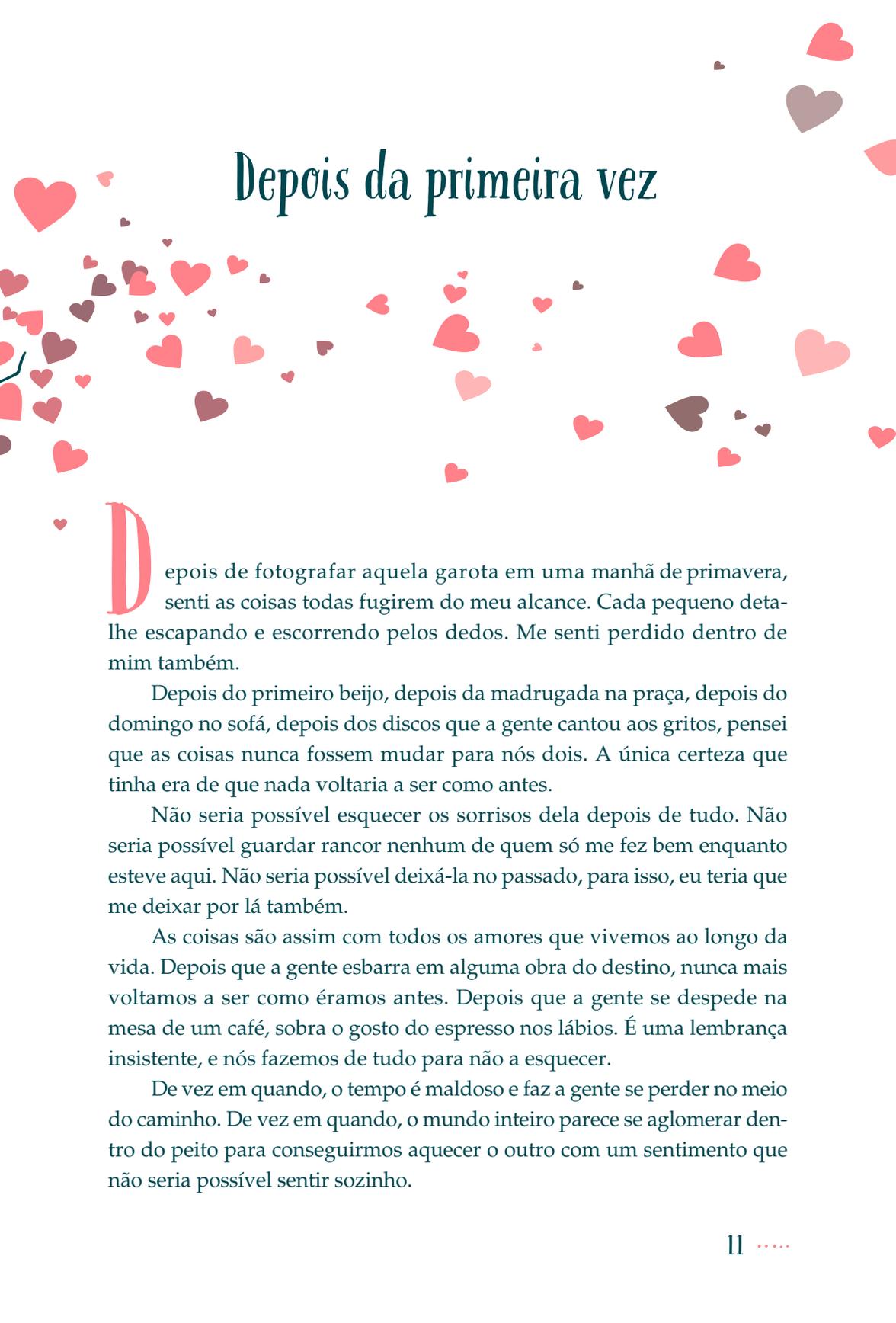
É aí que Júlio Hermann entra. Com seu livro de estreia, ele consegue trazer uma visão quase inocente sobre o amor e as nossas fragilidades-que-não-são-facilmente-expostas. É um mergulho no mundo submerso dos sentimentos ora com leveza, ora com intensidade. Você relembra os amores juvenis e as saudades de distâncias pequenas, mas também se pergunta o que aconteceu com aquele amor todo que não existe mais. Você cruza algumas linhas que se interligam no passado dos amores que já teve com o presente das relações que estão vivas na sua memória, e ainda consegue vislumbrar um futuro de pessoas que quer conhecer para viver uma história igualzinha a dessas páginas. Você lê aquilo que sempre quis dizer a alguém — ou a si mesmo —, mas que nunca teve coragem de tirar de dentro de si. Você sorri, fica aflito, sente o estômago dando

uma leve balançada, repensa algumas escolhas e segue para o próximo texto. Você passa por várias coisas que te ajudam no processo de remexer tudo aqui dentro. E, com sorte, talvez com a mesma sorte que eu tive, você descobre — antes do pouso da aeronave em solo desconhecido — que ler sobre o tudo o que você guarda aí pode ser bonito e reconfortante nas palavras desse guri. Pode sair até uma flor.

DANIEL BOVOLENTO

Autor de *Por onde andam as pessoas interessantes* e *Depois do Fim*





Depois da primeira vez

De depois de fotografar aquela garota em uma manhã de primavera, senti as coisas todas fugirem do meu alcance. Cada pequeno detalhe escapando e escorrendo pelos dedos. Me senti perdido dentro de mim também.

Depois do primeiro beijo, depois da madrugada na praça, depois do domingo no sofá, depois dos discos que a gente cantou aos gritos, pensei que as coisas nunca fossem mudar para nós dois. A única certeza que tinha era de que nada voltaria a ser como antes.

Não seria possível esquecer os sorrisos dela depois de tudo. Não seria possível guardar rancor nenhum de quem só me fez bem enquanto estive aqui. Não seria possível deixá-la no passado, para isso, eu teria que me deixar por lá também.

As coisas são assim com todos os amores que vivemos ao longo da vida. Depois que a gente esbarra em alguma obra do destino, nunca mais voltamos a ser como éramos antes. Depois que a gente se despede na mesa de um café, sobra o gosto do espresso nos lábios. É uma lembrança insistente, e nós fazemos de tudo para não a esquecer.

De vez em quando, o tempo é maldoso e faz a gente se perder no meio do caminho. De vez em quando, o mundo inteiro parece se aglomerar dentro do peito para conseguirmos aquecer o outro com um sentimento que não seria possível sentir sozinho.

Enquanto ela ainda vive aqui dentro, enquanto eu ainda consigo me sentir abrigado toda vez que penso nela, transformo tudo em palavras para senti-la mais perto. Talvez um dia a verei voltar para minha vida, talvez um dia alguém volte para você também. Talvez ela nunca vá embora.

Enquanto isso, sobramos eu e esse monte de melodias que encaixo em cada história da gente que reescrevo. Eu canto as músicas enquanto elas cantam sobre mim também. Canto a saudade e uma certeza gigante de que sou um alguém melhor depois de tê-la conhecido.

Pode ser que ela volte na semana que vem. Pode ser que nunca volte.

Eu, no entanto, jamais voltarei a ser quem era antes dela. E para falar a verdade, nem gostaria de voltar a ser.

Enquanto espero você chegar



SNOW PATROL
CHASING CARS

Tô preparando duas xícaras de café e deixando um pouco de carinho ao lado do açucareiro. Vou arrumando a mesa com uma toalha florida brega que chega a dar vergonha de mostrar pra alguém, mas eu sei que você não se importa. Não se importa e diz que a gente é assim mesmo. Vai escondendo do mundo aquilo que não tá na moda nem combina com os nossos horários e o nosso modo de ver a vida. Acho que não combina com a gente e com ninguém lá fora essas armaduras que vestimos para nos mostrarmos emblemáticos, franco-atiradores como quem não apanha na vida.

Tô deixando a toalha molhada em cima da cama e esqueci de pendurar pra secar, vai ficar tudo ensopado depois e eu prometo que peço desculpa pelo descuido e por ter molhado teu lado da cama, mas tá tudo bem pra você. Tá tudo bem porque a gente não merece esquentar a cabeça com essas coisas, você diz, quem sabe a gente se aperta e fica numa conchinha improvisada no lado seco, usa o descuido com as coisas pra cuidar um pouco de nós mesmos. Deixa o contato pele com pele mostrar que tudo fica bem depois e a parte ruim seca, basta se deixar aquecer enquanto espera passar.

Tô deixando as chaves na cabeceira e pedindo pra não trancar as portas, já deixei avisado com o porteiro que não precisa de ligação nenhuma nem perguntar se ela pode subir, não precisa de atestado nenhum que

permita você entrar na minha vida. Prometo que vou deixando tudo organizado pra quando você resolver chegar e botar a mão nos meus ombros, dançar uma balada lenta na varanda da sala e assistir à chuva cair numa quinta-feira friorenta lá fora.

Tô pegando uns jogos de tabuleiros pra gente se conhecer aos poucos e brotar aquela sensação de que conseguimos mapear o corpo inteiro do outro pra se enxergar no escuro. Dá pra sentir no tato, dá pra notar no paladar o gosto de vinho na saliva depois do jantar e dá pra sentir no jeito que a pele gruda com o suor dos dois. Dá pra sentir os dois corpos nus se abraçando feito imã e gargalhando do descuido do universo em deixar a gente se encontrar.

Acho que uma das coisas mais bonitas é a maneira com que vamos enfeitando a alma enquanto esperamos alguém chegar.

Tô bagunçando as almofadas do sofá para pairar no ar um cheiro de desleixo que não deixe na cara que eu tava te esperando. Comprei dois ingressos pra um festival de verão na beira da praia, talvez a gente se encontre por lá, talvez eu te encontre amanhã e você venha se arrumar aqui em casa. O espelho é grande e o afeto dá pra dois se você sentir que conseguiremos levar isso com algum carinho daqui pra sempre.

Tô te esperando com café e carinho, com um monte de detalhes desimportantes e defeitos irritantes que fazem a gente colar um no outro. Tô com aquela pressa lenta de quem sabe que nada mais vai voltar a ser singular depois que não dermos bola pra chuva molhando os sapatos e respingando pro lado de dentro da sala numa quinta-feira qualquer.

Desculpa se estraguei o início da história pra você



GUNS N' ROSES
PATIENCE

Hoje me bateu um vazio estranho aqui dentro e isso tá acabando comigo, sabe? Eu invento pra você e pros outros um discurso de que tô bem, que é só cansaço e que depois eu durmo e me livro dele. Mas é mentira, não me livro porque não é meu corpo que precisa descansar, é meu coração. Eu até já decorei um discurso de autossuficiência pra justificar pros outros essa minha solidão toda, e quando falam sobre relacionamentos eu invento umas desculpas bobas sobre *timing* e sobre como eu me sinto bem sozinho. Bobagem. Hoje mesmo, mais cedo, eu tava observando as estrelas e me bateu uma saudade gigante de você.

Você foi a primeira pessoa que reparou nas minhas covinhas. Elas são teimosas e meio tímidas, não aparecem em qualquer situação, mas sempre dão as caras quando eu me perco em um sorriso bobo. E eu não consigo me sentir assim se não for com você. Porque você foi a primeira pessoa que mexeu no meu cabelo e eu não senti incômodo nenhum com isso, na verdade, até me senti bem. Era como se eu tivesse descoberto no teu cafuné alguma válvula de escape da realidade, sabe? Sempre gostei do jeito que a tua mão tocava na minha e de como você me olhava. Você me devorava por dentro e eu queria, por favor, parar o tempo antes que ele parasse com a gente. Queria poder estagnar o mundo naquele momento pra te ter aqui pra sempre. Mas eu não consegui.

Eu questiono o tempo sobre esse nosso afastamento. Será que isso tudo é necessário mesmo? Porque eu sinto um medo gigante de que seja, de que a gente se afaste por completo e eu desabe de uma vez por todas. Não consigo mais imaginar o que seria de mim sem a esperança de ter você aqui de novo. Nem em casa eu me sinto mais em casa, e eu sei que é porque não tem você. Louco, não?

Noite passada eu desabafei com o meu travesseiro e contei pra ele o quanto você foi a melhor pessoa que eu conheci em toda minha vida. Você lembra daquele dia em que você correu de mim na praça? De pés descalços no meio da selva de pedra. Eu transformava os prédios em lírios pra sentir a gente dentro de uma daquelas cenas bonitas de filme que terminam com um beijo desajeitado e um sorriso bobo. Daqueles que a gente acha ridículo até se apaixonar e perceber o quanto é bonito. Daqueles que eu sempre neguei e condenei no meu discurso de autossuficiência, e que daria tudo pra viver de novo com você. E no fim da nossa corrida não tinha uma toalha xadrez perfeitamente mal estendida e uma cesta de piquenique. Tinha só um bêbado que a gente tentou ajudar e – cacete – até isso foi incrível. Como tudo fica bonito quando eu tô do teu lado. Talvez eu tenha essa mania de romantizar tudo, não sei, mas acho que você me entende. Pelo menos uma vez você disse que entendia.

Eu nunca te disse, mas eu ainda guardo a pulseirinha daquela festa no meio do meu livro favorito. Nunca tive coragem de jogar fora qualquer fragmento de nós dois. Não contei isso pra ninguém, mas eu nunca gostei de alguém assim. A rotina tem me massacrado, mas dia desses, quando você se desocupar, quando você se livrar um pouco das tuas obrigações todas, eu passo aí só pra te dizer o quanto eu te quero bem e pra te lembrar que ainda tô aqui se você quiser tentar de novo.

Eu nunca entendi direito esse medo de nós dois, e por isso eu te peço: desculpa se estraguei o início da história pra você. Porque no fim das contas eu espero que, de verdade, esse seja só o início mesmo, e que essa nossa história dure bem mais do que isso. Que esse hiato seja só uma daquelas coisas que a gente vai lembrar depois, enquanto ri entre um gole de cerveja e outro. Porque foi nesse nosso hiato que eu descobri que te amo pra caramba.

Você foi a primeira pessoa
que mexeu no meu cabelo
e eu não senti incômodo...



até me senti bem,
como válvula de escape
da realidade.

Obrigado por expulsar meus demônios



JESSIE WARE
SAY YOU LOVE ME

Desculpa o silêncio que fica entre uma sílaba que eu te digo e outra, é que eu não consigo imaginar uma situação em que esteja só você e eu e não me sinta bobo, perdido na curva e sem um norte. É que eu tremo todo quando tô do teu lado, porque parece que as feridas de uma vida toda, todas as marcas profundas que ardem há um bom tempo, simplesmente estremeçam e parecem desaparecer quando eu tô com você. Porque você não pressiona os meus cortes e as minhas dores, você dá um sopro leve e suficiente pra levar embora com o vento essas coisas todas que me atormentam.

Eu convivo com um monte de demônios particulares, meu bem. Demônios dos outros que ficaram quando eles se foram e só deixaram essa coisa que me causa angústia. Demônios de quem passou e não deixou lembrança boa alguma, só aprendizado e tormento. E uma hora isso sobrecarrega e fica difícil conviver. O fardo pesa, sabe? Não sei qual é o feitiço ou a simpatia, se é truque ou encanto, mas quando você tá aqui eles voltam todos acuados pra dentro da toca, todos fragilizados e sem forças pra me atormentar, porque parece que você tem alguma coisa que me liberta deles.

Quando eu tô do teu lado meu peito descompassa. Não é medo, é pra acelerar o meu batimento com o teu. Pra me sentir seguro. Pra perceber que eu não caminho sozinho. Meu peito descompassa e o corpo inteiro

também. Ele treme bobo. Limita os movimentos que é pra não te assustar. Impede o canto da boca de voltar e desfazer o sorriso que surge involuntariamente quando eu tô do teu lado. Vê o mundo e as pessoas todas passarem devagar, porque o tempo para e o mundo desacelera quando eu tô contigo. Põe a mão no meu peito e sente a pulsação firme e que me firma longe dos demônios todos, que entrega de bandeja esse meu jeito desajeitado que se desconstrói todo quando você tá aqui.

Sussurro no teu ouvido, com doses de silêncio entre uma sílaba e outra, um verso que te faça bem e que te liberte dos teus demônios. É que é pra ver se o teu peito também descompassa e sincroniza os batimentos com os meus. Pra ver se você sente o descompasso e se esquece do mundo. Pra ver se você se desliga das outras coisas todas enquanto me olha e percebe alguma coisa nesse meu jeito meio bobo e meio acuado de quem já passou por tanto e convive com tantos tormentos que se perdem e voltam pra toca quando eu tô contigo. Pra ver se você gosta de mim e percebe o que eu já percebi.

Lembrei de você



SKID ROW
I REMEMBER YOU

Num dia desses, veja bem, num dia desses me peguei revirando os álbuns e olhando cada fotografia com um carinho que nunca existiu antes. Era uma quinta-feira, se me lembro bem, e sentei para ver a lua logo depois de tirar a mesa e levar o cachorro pra passear no parque. Cutucou alguma coisa estranha aqui dentro pouco depois de eu sentar na beirada do sofá e revirar você.

Me lembrei do que me contaram nesta semana e no quanto sorri bobo quando falaram de você. Subiu uma alegria bonita em saber que está bem, subiu uma sensação de calma por saber que as coisas estão todas no lugar. Só começou a doer uns dias depois, só começou a pinicar e a fazer coceira aqui dentro quando sentei e peguei o álbum do fim do ano passado e encontrei um retrato de você com os pés descalços no meio de uma praça quando já era madrugada, quando encontrei um registro seu sentada no parapeito da varanda, com uma das pernas para o lado de dentro e o violão no colo.

Não sei se minha memória é seletiva demais ou se eu realmente não aprendi a guardar rancor nenhum. Até quando você me disse que não conseguia sentir ternura, consegui sentir queimando nos meus olhos a culpa que você sentiu quando baixou os seus e desistiu de lutar. Me senti culpado pra caramba na hora, como se atasse cada um dos seus membros em um amor que já não cabia no teu peito.

Lembrei também de ter te encontrado na rua num fim de semana qualquer. Consegui fotografar o teu rosto queimado e te enxergar rindo por ter esquecido o protetor. Consegui te encontrar com um sorriso que dizia que tudo vai bem com a gente depois de tanto tempo sem se ver. Não lembro direito quando foi que nos perdemos, mas fiz uma prece ali para que voltássemos a ser um pouco do que fomos um dia.

Ainda naquele dia, senti uma alegria estranha quando botei os pés para dentro de casa e tirei os sapatos. Acho que foi uma saudade gostosa. Caiu a ficha de que existe alguma história bonita no meu passado, existe alguém que passou por aqui e fez estadia. Foi embora, sim, mas deixou coisa bonita pra caramba antes de encostar a porta.

Depois de olhar o álbum inteiro e enxergar você, a menina do violão, resolvi colocar mais uma vez os porta-retratos no lugar. Só para dar um pouco mais de vida para a sala. Só pra tirar um pouco do ar essa sensação de que não mora ninguém além de mim aqui. Mas a parte boa é que aqui não sobra solidão, divido os cômodos com uma lista inteira de memórias e de registros do que a gente fez na beira de um lago.

Num dia desses, veja bem, num dia desses a gente se encontra e eu agradeço por isso. Num dia desses pego os álbuns mais uma vez e sorrio por saber que tem um pouco de você ainda por aqui.

Não morra engasgado



ADAM LAMBERT
WHATAYA WANT FROM ME

Sabe uma coisa que deve doer pra caralho? Morrer engasgado. E quando digo morrer engasgado, não é morrer com alguma coisa que te fecha a garganta, prende a respiração e faz tossir, mas com algo que ficou entalado e vai perfurando feito britadeira um pouco mais embaixo, do lado esquerdo do peito. Morrer, nesses casos, é ver alguém partir.

Aprendi com Daniel Bovolento — e com a vida — que “quando a gente não diz o que sente, o outro vai embora sem saber que talvez tivesse um motivo pra ficar”. Aprendi depois de ver um bando de gente passar por mim enquanto eu me mantinha calado esperando o tempo passar. Aprendi depois de virar passado para um monte de gente também.

A verdade é que nenhum de nós tem bola de cristal — nunca sabemos o que o outro sente até que ele diga. E demonstrar interesse em tempos como os de hoje é sentença de morte, é suicídio sentimental e autossabotagem. Mas tem um monte de coisa errada, gente. Autossabotagem é a gente morrer engasgado, vendo a pessoa partir, mas ficar com um livro entalado na garganta pronto para sair e que permanece em silêncio por medo de ser dito. É ver alguém partir e ter que conviver com um nó embrenhando na garganta e criando raiz um pouco mais embaixo.

Não tem remédio pra isso.

Não tem Rivotril que dê jeito.

O problema nisso tudo é que se remamos contra a maré, vomitando as coisas todas pra não morrer engasgado, somos tachados de atirados. Mas qual o problema em dizer pro outro o que a gente sente? Qual o problema em cair de cabeça em águas profundas e convidar o outro pra navegar junto? Já passou pela cabeça de vocês que o outro pode estar com um remo na mão esperando o convite pra encarar as ondas com você? A verdade disso tudo é que esse é um problema universal. Todos nós passamos por isso porque todo mundo já sofreu por medo de rejeição.

Todo dia um bando de gente tem passado porque não tinha um motivo pra ficar — ou tinha, mas não viu. Todo dia um bando de gente fica sozinha na orla, porque não vomitou o que sentia por medo de se atirar no mar, por medo de dar de cara com uma onda que o engula e leve o remo embora. Todo dia um bando de gente morre engasgado — e não deve haver nada pior do que morrer engasgado. Deixar alguma coisa entalada na garganta nos faz acordar todos os dias com o pensamento em uma coisa que poderia ter sido e não foi.

Se eu pudesse deixar um conselho: se atira, gente. Se atira, que é melhor encarar um naufrágio do que o espelho toda manhã, convivendo com o que não é e poderia ter sido, só que não tentamos para saber. Se atira, que lá embaixo, nas profundezas, o mar é mais bonito. Se atira que encarar as ondas é bem melhor do que permanecer assistindo a tudo da orla e vendo o barco ir embora. Se atira, que morrer engasgado deve doer pra caralho, e do outro lado pode ter alguém com o remo na mão te esperando pra navegar.

Eu parei de esperar por gente que me esqueceu lá atrás



TROYE SWAN
THE FAULT IN OUR STARS

A tortura mais dolorosa pra mim sempre foi a de lembrar e querer tanto alguém que não se pode ter a ponto de fazer o próprio universo girar em torno da tal pessoa. Perdi noites e mais noites de sono planejando uma série de encontros que nunca aconteceram, vi o mundo inteiro escorrer por entre os dedos e acreditei tanto em uma fé particular de que as coisas um dia voltariam para o lugar que uma hora passou. Esperei tanto o tempo passar enquanto encarava o mundo correr na frente dos meus olhos que o sentimento passou também.

Das noites mal dormidas, das viagens para a faculdade com o rosto escorado no vidro do ônibus, das horas de trabalho perdidas com o queixo apoiado na palma da mão e os olhos encarando o nada, das madrugadas viradas pesquisando para economizar no valor da passagem, a única coisa que sobrou foi um corpo que já não abriga a mesma pessoa.

É engraçado pensar desse modo porque parece que a gente deixa de ser a gente quando percebe a mudança. Foi um pouco de troca de hábitos, troca de planos para o fim de semana, troca de pessoas com as quais dividir alguma coisa num fim de domingo, troca de rotina quando eu percebi que o mundo parecia programado demais.

De uns meses para cá eu já não consigo pensar nela como pensava antes. Não penso em pegar o carro e encontrá-la na saída da faculdade, não penso em virar madrugada escrevendo uma carta bonita pra lembrar

alguém da minha existência. Não penso mais em ajustar a agenda porque eu sei que nunca vai haver espaço pra mim do lado de lá. Penso um bocado menos nela, pra falar a verdade. Penso um bocado mais em mim também.

No meio dessa troca lenta de vida, entre o gostar tanto de alguém e o voltar a gostar mais um pouco de si, eu ainda lembro dela toda noite enquanto volto pra casa. Lembro dos encontros no meio da tarde, lembro das manhãs de outono que a gente dividiu na selva de pedra. Lembro de uma série de coisas que deixaram de ser palpáveis e de fazer parte daquilo que eu quero para mim daqui pra frente. Lembro que talvez eu não queira nada de volta também.

Hoje eu tô voltando pra casa. Tô voltando a ser um pouco mais meu depois de tentar emprestar uma versão melhor de mim para alguém lá fora.

Nós perdemos vidas demais nos esforçando pra sermos pessoas boas para os outros enquanto deixamos de ser bons pra nós mesmos. Hoje eu sou um pouco melhor pra mim. Hoje eu seguro na mão do mundo e corro com ele por aí, sem essa insistência chata de esperar e esperar e esperar só mais um pouco por alguém que me esqueceu lá atrás.



Consegui enxergar a
tatuagem no lado
direito do braço.



Quase não deu pra ver
por causa da sua blusa,
quase não foi possível
enxergar o pássaro e a
liberdade que você
carrega por aí.

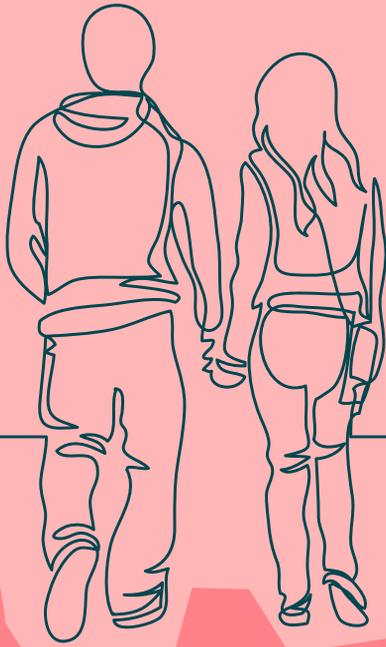
*Tô me deixando para
trás aos poucos,
num modo camaleão
apressado de quem
não vê a hora de*



*te carregar
nos braços e
ser um alguém
melhor do que
fui um dia.*



Você deixa escapar um sorriso
sem jeito sobre o modo como
meu corpo reage por não ter
aprendido a me despedir de você.



O muro que impede a gente de seguir em frente uma hora cai. Então, finalmente,

voltamos a caminhar por nós mesmos.



LEIA TAMBÉM:



O GAROTO QUASE ATROPELADO

Vinícius Grossos

Um garoto sofreu com um acontecimento terrível.

Para não enlouquecer, ele começa a escrever um diário que o inspira a recomeçar, a fazer algo novo a cada dia.

O que não imaginou foi que, agindo assim, ele se abriria para conhecer pessoas muito diferentes – a cabelo de raposa, o James Dean não-tão-bonito e a menina de cabelo roxo – e que sua vida mudaria para sempre!

Prepare-se para se sentir quase atropelado de uma forma intensa, seja pelas fortes emoções do primeiro amor, pelas alegrias de uma nova amizade ou pelas descobertas que só acontecem nos momentos-limite de nossas vidas.

Estar vivo e viver são coisas absolutamente diferentes!

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
PELA SERMOGRAF EM
MARÇO DE 2018